

SONHOS DE SUJEITOS CEGOS: ESTUDOS DE CASO NA PERSPECTIVA DA LOGOTERAPIA DE VIKTOR EMIL FRANKL

DREAMS OF THE BLIND: CASE STUDIES FROM THE PERSPECTIVE OF LOGOTHERAPY OF VIKTOR EMIL FRANKL

Gilvan de Melo Santos, Inácia Hosana Feitosa, Mayara Cristina de Araújo Dantas, Najara Mirella Cordeiro do Nascimento

Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO

Nesta pesquisa, trabalhamos com a Logoteoria de Viktor Frankl que incluiu, além das dimensões biológicas e psíquicas, a dimensão espiritual. Nesta perspectiva, os sonhos contêm expressões da voz da consciência. Este estudo apresenta relatos de sonhos de dois sujeitos cegos, através dos quais se fez um estudo de caso simples. Como coleta de dados optou-se pelo diálogo socrático. Privilegiamos as categorias: sentimentos, símbolos e atitudes do sujeito, representados na diegese onírica. Os símbolos apresentados foram: nuvens, avião, a pipa, água, bicicleta, representando a dualidade ascensão/queda e a autotranscendência. Destacaram-se os sentimentos angústia, culpa e tranquilidade. Sobre as atitudes, manifestaram-se a capacidade de escolha e a responsabilidade. Assim, não aparecendo imagens icônicas, sobressaíram imagens mentais e a voz da consciência.

Palavras-Chave: sonhos; cegueira; logoterapia.

ABSTRACT

This research worked with Viktor Frankl's Logotherapy which included not only the biological and psychic dimensions, but also a spiritual dimension. In this perspective, dreams contain expressions of the voice of the consciousness. This study presents the reports of dreams from two blind subjects as a simple case study. Data collection favoured Socratic dialogue. We focused on the categories: feelings, symbols and attitudes of the subject, that were represented in the dreamlike narrative. The symbols presented were: clouds, airplane, a kite, water, a bicycle, representing the duality rise/fall and the self-transcendence. We identified the feelings anguish, guilt and peacefulness; and the attitudes of freedom of the choice and the responsibility. And so, in the absence of iconic images, that stood out were mental images and the voice of consciousness.

Keywords: Dreams; Blindness; Logotherapy.

O estudo dos sonhos é um dos temas clássicos da Psicologia e sempre de grande importância para a compreensão profunda da psique humana. Grandes estudiosos desde a antiguidade buscaram entender os significados dos símbolos representados no processo onírico.

Em *Oneirocriticon* (A interpretação dos Sonhos) de 150 d.C., o mais famoso trabalho sobre o assunto, Artemidoro de Daldis chegou a analisar mais de 3.000 sonhos, observando neles aspectos tanto do passado, quanto do presente e do futuro (Novaes, 2001; Santos, 2001). No século XX destacaram-se Sigmund Freud, Carl Jung e Viktor Frankl, que desenvolveram teorias diferentes sobre os sonhos, e que põem em evidência o processo onírico como a via régia do inconsciente (Freud, 1905). Freud, de forma pioneira, relacionou os sonhos a desejos sexuais primitivos e reprimidos, normalmente tecidos por tramas disfarçadas. Jung (2008) observou que os sonhos não se apresentavam apenas como um mistério ou disfarce, mas como uma linguagem passível de análise e, explicitamente, legível aos olhos do analista; o mesmo enfatizou a presença de imagens oriundas tanto do inconsciente individual quanto do inconsciente coletivo. Frankl (2003), por sua vez, referiu-se ao sonho como um caminho aberto ao inconsciente espiritual, cuja consciência, inserida no sonho, funciona como um órgão, que contribui para que o paciente encontre o sentido para a sua vida.

Sendo o sonho uma forma privilegiada de se conhecer a pessoa humana, pode-se utilizar este instrumento com o intuito de aprofundar o conhecimento acerca do inconsciente, quer seja instintivo (individual e coletivo) ou noético. Através dele, o sonho, pode-se investigar a faculdade de simbolização humana (provenientes do inconsciente) e o mundo das possibilidades (oriundo da consciência).

Em se tratando de sujeitos cegos, onde a imagem, em parte ou totalmente, deixa de ser utilizada como veículo para este tipo de investigação, este artigo pretende apresentar outra alternativa de análise. Neste caso, ele tem a pretensão de oferecer aos psicoterapeutas de Base Analítica Existencial, mais um instrumento para o diagnóstico e intervenção psicoterapêutica.

Este artigo advém de uma pesquisa cujo objetivo geral foi analisar a linguagem simbólica

apresentada em sonhos de sujeitos cegos, a partir das vozes, sentimentos, sensações, intenções e vivência dos valores, representados nos relatos desses sujeitos e cujos objetivos específicos foram: identificar imagens oníricas em sujeitos cegos não congênitos; destacar vozes, sentimentos e sensações, representados em relatos dos sonhos de sujeitos cegos; demonstrar a intencionalidade da consciência manifestada nos discursos de sujeitos cegos, ao relatarem seus sonhos; bem como caracterizar nos relatos de sujeitos cegos, como eles vivenciam em seus sonhos os valores criativos, experienciais e de atitude.

Esta proposta se insere então na lacuna estudada por diversas teorias em destaque *a posteriori*, abrindo-se à investigação científica deste objeto (relatos de sonhos de sujeitos cegos), visando perceber, acima de tudo, o posicionamento destes sujeitos em relação ao seu destino, a partir de seus relatos, motivados pelo processo onírico por eles vivenciados.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Do ponto de vista teórico-epistemológico, o texto em questão apresenta como aporte teórico a Logoterapia de Viktor Emil Frankl. Trata-se de uma abordagem psicológica baseada na busca pelo sentido. O significado de *Logos* atribui-se a sentido, e terapia ao termo cura. Assim, o termo Logoterapia significa a cura através do sentido. Seu fundador, Viktor Frankl (1905-1997) foi um psiquiatra de origem judaica, nascido em Viena, cuja experiência nos Campos de Concentração Nazistas fez ele validar a terceira escola de Viena de psicoterapia, ou seja, a Logoterapia e Análise Existencial, ao lado da Psicanálise de Sigmund Freud e da Psicologia Individual de Alfred Adler.

Diferente da Psicanálise freudiana e da Psicologia adleriana, que reduzem o ser humano às dimensões biológica e psíquica, Frankl apresenta o indivíduo em três dimensões: psique - corpo - noos (espiritual). Para ele, segundo Lukas (1989), os fenômenos mais altos que transcendem a dimensão psicológica pertencem à dimensão noética.

No processo logoterapêutico de análise existencial é trazido ao consciente a impulsividade reprimida, revelada nos recônditos do inconsciente por fenômenos profundos oriundos da impulsividade instintiva, como também se pode

trazer fenômenos oriundos da dimensão espiritual, sendo o processo onírico uma dessas manifestações.

A logoterapia e Análise Existencial partem então da premissa de que os sonhos são uma via de manifestação do inconsciente espiritual, compreendendo espírito como *noos* (espírito na visão grega), que corresponde a “fenômenos, como por exemplo, afetos, amor, vontade de sentido, ideais, valores, fenômenos intelectivos, racionais e intuitivos, enfim, toda a gama da criatividade humana, incluindo mitos, conceitos religiosos, fé, manifestações místicas, etc.” (Xausa, 1993, p. 03).

Sob este aspecto, o analista existencial busca, sobretudo, “a manifestação de todas as forças atuantes no psiquismo, impulsivas ou não, sob a luz globalizante do conceito tridimensional do homem, onde se inclui o espírito. Nesta visão, um sonho não contém apenas manifestações inconscientes, mas também expressões da voz da própria consciência (Frankl, 2003; Xausa, 2003). É importante ainda para o analista existencial a imparcialidade incondicional para que, usando o método fenomenológico na investigação inconsciente dos símbolos oníricos, não os interprete aleatoriamente ou segundo interpretações forçadas, preestabelecidas ou codificadas.

A interpretação onírica com base na Logoterapia realiza, segundo Frankl (2003), uma verdadeira obstetrícia para trazer à luz o seu significado. Esta obstetrícia espiritual também pode caracterizar-se como uma obstetrícia artística, pois sugere uma liberação da criatividade, ou uma obstetrícia religiosa, que surge, espontaneamente, a simbologia religiosa. (Xausa, 2003).

A Logoterapia atenta, sobretudo, para a existência dos valores criativos, vivenciais (ou experienciais) e de atitude, caminhos que podem conduzir o sujeito à descoberta do sentido da vida. Os valores criativos relacionam-se à atividade, ao trabalho (o que se faz); os valores vivenciais relacionam-se às experiências estéticas, relacionamentos afetivos etc (com que ou com quem se relaciona); e os valores de atitude relacionam-se ao posicionamento do sujeito frente aos determinismos e condições imutáveis: culpa, sofrimento e morte. De maneira particular os valores de atitude remetem a pessoa ao que se faz diante do sofrimento (Frankl, 1978).

Frankl (1991; 1992) diz que enquanto a pessoa na Psicanálise é impelida pelo impulso

(pulsão), na Logoterapia ela é puxada (atraída) pelos valores. Tais valores são a “via régia” do sentido; porém, não apenas os valores subjetivos atualizados pela sociedade, a cultura e a religião, mas principalmente o primordial anseio e aspiração por uma escala objetiva de valores (Lukas, 1992). Assim, através desses valores é possível se chegar ao sentido.

METODOLOGIA

Método de abordagem

A pesquisa configura-se como exploratória, pois aborda qualitativamente a problemática da análise da linguagem simbólica, apresentada em sonhos de sujeitos cegos, a partir da Logoterapia de Viktor Emil Frankl, observando, além das imagens, as vozes, os sentimentos, os símbolos, as sensações do sonhador, suas intenções e vivência dos valores como conteúdos privilegiados deste processo.

Campo de investigação

O *corpus* da pesquisa remete-se aos relatos de sonhos de sujeitos cegos do Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste, localizado à Rua João Quirino, nº 22, bairro do Catolé, na cidade de Campina Grande, no Estado da Paraíba.

Caracterização da amostra

Foram pré-selecionados 39 sujeitos, e destes foram escolhidos 12 para análise e amplificação dos seus sonhos. A maioria da população da pesquisa foi composta por homens, sendo 69,2% da amostra do sexo masculino e 30,8% do sexo feminino. Segundo dados fornecidos pelos próprios sujeitos da pesquisa, pois a Instituição não dispõe de informações específicas quando ao tipo e o grau de deficiência da população estudada, 66,7% da nossa amostra foram classificados como portadores de cegueira total, sendo os 33,3% restantes da população, portadores de baixa visão. Em relação ao tipo de cegueira, dividimos e nomeamos as diversas variações em apenas duas categorias: cegueira total e baixa visão. Tal categorização objetivou um melhor entendimento da condição do sujeito cego, visto que consideramos os sujeitos portadores de cegueira total, aqueles que não possuem o registro atual de imagens icônicas, enquanto os portadores de baixa visão, como aqueles que ainda possuem tal registro,

mesmo que seja em maior ou menor proporção. A maioria da amostra considera-se católica, contando com 43,6% do total. Apresentou-se ainda uma grande porcentagem de sujeitos evangélicos – 33,3% da amostra. Os sujeitos que se consideram espíritas e de fé independente de religião contam com 10,3% cada, enquanto que os céticos somam 2,6% da população.

Critérios de inclusão à pesquisa

Foram incluídos na pesquisa sujeitos portadores de deficiência visual, seja ela congênita ou adquirida, frequentadores do Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste; sujeitos estes, de ambos os sexos e com idade diversificada, porém com maioridade civil, moradores da cidade de Campina Grande e circunvizinhanças, com escolaridade também diversificada. A idade da amostra variou entre 22 e 64 anos.

Instrumentos de coleta de dados

A partir da identificação das histórias de vida relatadas por cada sujeito, buscou-se registrar dados preliminares necessários através de uma ficha de identificação e *anamnese*.

Ficha de identificação

Reúne informações pessoais e sociais relacionadas à vida do sujeito.

Anamnese

São perguntas referentes à vida do sujeito entrevistado para, a partir das informações obtidas, traçar um histórico relacionado à sua perda de visão e a inserção do mesmo no Instituto, assim como aspectos gerais e específicos relacionados ao seu processo onírico.

Para realizar os estudos de casos, foram utilizadas entrevistas tipo espontânea e o diálogo socrático.

Entrevista

Segundo Yin (2005, p. 117), neste tipo de entrevista pode-se “indagar dos respondentes-chave tanto os fatos relacionados a um assunto quanto

pedir a opinião deles sobre determinados eventos, podendo até mesmo pedir que o respondente apresente suas próprias interpretações.”

Diálogo socrático

Técnica que o analista existencial se utiliza para pôr o interlocutor em contato com a sua dimensão noética a fim de que seja posto à sua consciência detalhes dos seus episódios oníricos (Fabry, 1990). Sobre esta técnica esclarece Aquino (2011, p. 86-87): “o diálogo socrático [...] previne o terapeuta da diretividade, ajudando apenas ao paciente a desvelar o seu dever-ser que ele mesmo sabe através de sua consciência intuitiva, mas que ignora, pois a resposta sobre o sentido se encontra latente nas situações.”

Procedimento e análise dos dados

Nos relatos de sonhos dos sujeitos cegos, denominamos de Episódios Oníricos (EO) sonhos em que não seguiam, obrigatoriamente, uma narrativa de início, meio e fim; sendo considerados relatos oriundos de recordações isoladas também um episódio onírico. Contabilizou-se 130 episódios oníricos, dos quais foram analisados 21 casos, e destes, 12 apresentaram dados relevantes para os objetivos da pesquisa. Nestes, buscou-se realizar uma análise do conteúdo onírico relatado pelo sonhador, observando símbolos e sentimentos do sonhador, além de suas atitudes dentro da diegese onírica. Sobre as imagens apresentadas nos episódios oníricos, salienta-se que, nos casos de cegueira congênita como os aqui postos, o inconsciente dos sujeitos cegos cria imagens mentais. Para Novaes (2003) e Santos (2009) imagens mentais são imagens que, na ausência de estímulos visuais, podem ser evocadas através de uma ideia daquilo que se apresenta ao sujeito, associando o que é visto a outros estímulos como o som, a textura, o cheiro etc.

Posicionamento ético

A orientação ética da pesquisa está regulada pelas Diretrizes e Normas de Pesquisa em Seres Humanos, através da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, estabelecida em outubro de 1996.

Para isso, foram pautados princípios éticos através da utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que comprova o livre direito de participação na pesquisa, garantindo-lhes o sigilo de suas identidades, bem como do Termo de Autorização Institucional para formalizar o consentimento dado pelo responsável do Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Estudos de caso

Preservou-se nos relatos oníricos a linguagem falada, relevando a voz como suporte linguístico significativo para a análise. Dos 12 casos analisados, neste artigo apresentamos apenas dois. O primeiro trata-se dos sonhos de A.F.A, homem de 34 anos. O segundo refere-se a A.P.S, um rapaz de 23 anos.

CASO 1: A.F.A. – Homem, 34 anos, casado. Cegueira total causada por descolamento de retina. Sonha com imagens e cores. Sonha vendo, ou seja, é portador de cegueira total, porém não congênita.

EO 1 – Sonho com reconhecimento de paternidade

Eu tive um sonho que eu chegava numa casa, à procura de alguém, não sei direito, aí eu ia visitar uma pessoa que trabalhava numa loja, só que quando eu chegava nessa loja era um corredor estreito, com umas paredes assim, uns canos de plástico, pedaços de madeira assim e era peças de bicicleta, só que essas peças de bicicletas num eram como pedaleira, raio esses negócios, eram peças do quadro, uns pedaços do quadro sabe? Assim, nas paredes assim... aí eu: isso são peças de bicicleta? aí a pessoa dizia: é. Só que essas bicicletas são diferentes das outras, é de encaixe né? Aí a pessoa dizia: não é que essas peças aí são só de amostra, entendeu? Aí durante o sonho essa pessoa era, era, essa pessoa se transformava numa mulher que meu pai teve uma relação com ela durante a vida quase toda, com minha mãe e com ela, só que meu pai pensava que a gente não sabia, só quem sabia era minha mãe...aí... eu disse oxente e é tu Beta? O nome dela é Beta ...que táis aqui? Aí ela disse sou. Cadê a menina que disse que é filha do meu pai? Que disse que é minha irmã? Aí ela: oxo menino, cale a boca aí que se o menino escutar vai ficar danado... aí nisso eu olhava pra uma janela assim num corredor feito um L aí ele tava olhando pra rua ... aí a menina passava por dentro daquelas grades sabe?

Que eram os quadros de ferro, quadro azul, verde, um bocado de cor, aí ela pegava numa coisa assim aí disse oxo e tu é cego e sabe escrever? Aí disse: sei, aí ela me dava uma folha e eu tentava escrever, quando eu conseguia fazer meu nome a caneta não riscava, quando a caneta riscava, eu não conseguia fazer meu nome, entendeu? E aquilo foi criando tipo... me deixando apavorado sabe? Pode sair daqui, chamar minha esposa, mas a minha esposa num tava nem aí... ficava no mesmo lugar... quando eu consegui fazer o A do meu nome a caneta não riscava. Um constrangimento, aquela coisa, uma vontade de sair dali e minha esposa num ia, ficava lá, eu chamava ela e ela ficava lá conversando com uma pessoa lá, aí nisso, nesse momento ... aí me acordei.

Depoimento: *Aí veja só: isso depois de uns três a quatro dias, depois eu recebi um telefonema da minha tia dizendo que um juiz mandou uma carta pra mim, pra mim reconhecer a paternidade de um filho, entendeu? Aí eu acho assim, que o sonho me retratou, a irmã, o sangue do meu sangue, acho que o sonho me retratou dessa forma né? Que aquelas grades que eu via, aquelas peças de bicicleta de encaixe, aquelas grades, depois um cano estreito, se for destrinchar, pode retratar uma cadeia né? E a menina ser meu filho né?*

A.F.A., em seu relato, associa o enredo onírico ao que estava acontecendo na sua vida, naquele momento. Atribui ao sonho uma forma de ser avisado e ao mesmo tempo uma oportunidade de refletir sobre os acontecimentos que envolveram a sua vida e a do seu pai: filhos, situação paterna e conjugal. Também tece reflexões sobre a simbolização do sonho no que diz respeito à sua vivência - a menina do sonho poderia ser o seu filho, assim como as peças da bicicleta em forma de grade representavam uma cadeia. Linguisticamente se percebe que *Beta* é uma forma abreviada da palavra *bicicleta*, palavras isotópicas – que assume o lugar – das grades, da prisão e do mistério, pois ambas escondem a culpa e o segredo da revelação da paternidade extraconjugal do sonhador e do seu pai. Xausa (2003, p. 86-87) nos diz que a culpa só é cabível “em situações nas quais estão presentes a voluntariedade e o conhecimento das consequências da ação”. No relato onírico em questão, esse sentimento é manifestado através das simbologias da cadeia e do corredor estreito: [...] *aquelas grades que eu via, aquelas peças de bicicleta de encaixe, aquelas*

grades, depois um cano estreito, se for destrinchar, pode retratar uma cadeia né [...] Jera um corredor estreito, com umas paredes assim, uns canos de plástico, bem como também representado pelo sentimento manifestado de pavor.

No sonho manifesta-se da mesma forma a consciência ética sobre um compromisso que não foi efetuado, uma filiação que não foi reconhecida. Trata-se de uma antecipação dessa consciência, como advertência ao sonhador para que não se repetisse a atitude paterna a qual A.F.A. reprovava. Frankl (2003, p. 29) nos diz que “existe uma compreensão pré-moral dos valores, muito anterior a qualquer moral explícita”; trata-se justamente da consciência, como percebemos na experiência onírica de A.F.A., onde a sua atitude de tentar escrever seu nome, mesmo em meio ao constrangimento, justifica o reconhecimento da paternidade do seu filho. O sonhador antecipa no referido episódio onírico conflitos e decisões valorativas que seriam vivenciadas em vigília posteriormente.

EO 2 – Sonho com Instituto

Ah teve outro: eu tava na rua, olhando pra o instituto, só que o instituto eu via de cima. No sonho num dava pra eu saber se eu vinha a pé, de carro, de avião, só sei que eu tava no instituto, tava olhando o instituto, aí num tem aquele lado da quadra, perto do portão? Aí num tinha mais portão, tinha caído, de tanta água que tinha derrubado, aí tava lá tudo cheio de buraco essas coisas, sonhei com isso faz uns três dias mais ou menos.

Perguntado sobre que significação tinha esse sonho para ele, responde: *A primeira dificuldade que eu tenho hoje é a questão dos treinos, os treinos de judô, a gente tem o tatame e quando a gente chega pra treinar o tatame tá desarrumado, aí a gente organiza os treinos e quando a gente chega a sala tá ocupada, o que tá acontecendo é isso...*

No episódio acima descrito o inconsciente do sonhador representa o estado de desorganização no qual encontra o instituto em sua experiência onírica, na dificuldade atual em relação aos treinos de judô. No que tange ao símbolo da água, embora tenha sido mencionado pelo sujeito e questionado pelas pesquisadoras, A.F.A. diz: *Aí eu num sei, essa questão da água até agora num sei. Num deu pra distinguir o que retrata a água não.* O Instituto visto de cima – o que traz o motivo do voo – remete a

uma compensação da queda ou destruição provocada pela água. Sem nada poder fazer em relação à estrutura do referido Instituto, A.F.A. transforma o seu desejo em atitude onírica de alertar a instituição sobre os perigos (destruição – desorganização). Tatame é lugar da queda no judô, suporte da luta entre os judocas. O sonhador coloca-se em sonho frente à situação, onde a água – talvez referente à piscina que se localiza em espaço próximo – derruba o portão e provoca buracos. Valores de atitude do sonhador alerta: algo precisa ser feito.

CASO 2: A.P.S. - Homem, 23 anos, solteiro, tem cegueira congênita por problemas de catarata e agravados na infância por sarampo e catapora, de acordo com informações dadas pelo mesmo. Seus sonhos não têm imagens icônicas.

EO 1 – Sonho do Avião

A viagem foi de avião, eu imaginei que eu ia também pra São Paulo e que “tava” chovendo muito. O avião, ele subia, subia, só que ninguém via nada, só escuro, até as pessoas que “tavam”, que se dizem normal, dizendo que enxergam, diz que num “tava” dando pra enxergar nada, que “tava” tudo escuro. Eu só conseguia, não enxergar, mas ter uma certeza, uma precisão dos movimentos do avião. Eu sabia que ele ficava tentando se livrar das nuvens, mas “tava” muito turbulento mesmo, “tava” muito nublado mesmo. Às vezes, dava até uma sensação de que a gente ia cair. Ia acontecer alguma... só que graças a Deus deu tudo certo. Ele fazia uns voos assim (gestos indicativos), de repente ele descia de uma vez, bruscamente, que a gente chegava até a cair da poltrona, de repente ele estabilizava, depois subia fazendo um zig zag estranho... mas aí, (...) eu me acordei muito assustado, mas só que eu já “tava” sonhando com a viagem de volta dos meus pais pra o interior, porque eles foram pra São Paulo, foi uma viagem tranquila. E depois eu sonhei. Conteí até à minha mulher, quando minha mãe voltou ela contou que a viagem tinha sido da forma que eu sonhei sem eu contar a ela, tá entendendo?

[...]

A gente conversava com o piloto, com o copiloto e ele dizia pra a gente não ter medo, manter a tranquilidade, que isso ali era normal, mas só que eu tinha consciência de que outras viagens que eu tinha feito, que num era daquela forma. E eu ficava bastante

preocupado, só que eu também pedia pras pessoas terem tranquilidade. Manter a calma que tudo ia se resolver. A gente, enfim, a gente dava uma descida bem brusca, quando a gente ia subindo e fazendo aquele zig zag, colocaram assim na mente que a gente ia sair de órbita, ia ultrapassar a atmosfera e de repente eu acordei bem assustado, quando mais ou menos “tava” acabando o oxigênio.

[...]

...é uma sensação que eu realmente não tinha passado antes e espero não passar, porque é angustiante. É o seguinte: ele colocou o bico pra cima, ao ponto da encosta ficar como se fosse o assento e a parte que você senta já ser o contrário, já ser a encosta. A gente virava mesmo e ficava, a gente tentava colocar o pé pro outro lado, ou seja, agora a gente “tava” com o pé na cabeça do outro, só que eu tentei ficar na minha mesma posição, eu: – Não! Vou me segurar por aqui “pra mim” ver no que é que vai dar. Ele colocou o bico pra cima e subiu e ia pra direita e pra esquerda e ia subindo, subindo, pra direita e esquerda e subindo e aquele tremor, aquela sensação de trepidação. Mas eu num sei se as pessoas chegaram a mudar a posição pra formar melhor a segurança deles ou num sei. Como eu disse: “tava” tudo escuro, ninguém conseguia, todo mundo nervoso. Eu só me lembro, mesmo, da minha pessoa e do piloto “conversar”, eu conversava muito com o piloto e algumas pessoas “dava” até uma sensação como se tivessem dormindo ou então muito impressionadas, nervosas ou desmaiadas com o episódio, mas foi muito ruim mesmo.

O sonho de A.P.S. remete a uma situação vivenciada por seus pais, que no episódio onírico passou a ser vivenciada por ele. A motivação do sonho partiu de sua preocupação, conforme suas próprias palavras: “*eu acho que foi só questão de preocupação mesmo, só como eles “tavam” pra viajar e “tava” chovendo, eu coloquei aquilo na mente. Como diz o meu pai: eu encuquei, aí veio a resposta*”. Embora a motivação seja um dado importante, a relevância maior será sempre do sonho em si, visto que para a análise existencial, “[...] O sonho é parte da existência do sonhador”, conforme aponta Hernández, através de Xausa (2003, p. 32).

Também, de acordo com Jung (2008), todas as imagens que aparecem no sonho são partes da psique humana do próprio sonhador, são metonímias do estado psíquico da pessoa, ou seja, todo e qualquer sonho tem uma relação de

proximidade com a estrutura psíquica do sonhador. Embora, muitas vezes, não seja uma relação de fácil identificação *a priori*, pode-se reconhecer, através da simbologia, das atitudes e sentimentos apresentados, uma conexão entre o que aparece em cada episódio e o que o sujeito está, inconscientemente, elaborando. Assim, ao considerarmos alguns aspectos recorrentemente observados ou/e relatados, acrescidos das observações do próprio A.P.S., perceberemos que essas relações tornam-se mais evidentes.

Como se sabe, um dos códigos da linguagem dos sonhos são os símbolos, constituindo assim um material pelo qual se pode chegar a uma “suposta leitura” ou a uma hermenêutica do sonho. Neste episódio onírico tem-se a incidência de dois símbolos: o avião e as nuvens. Há uma constante referência sobre o deslocamento do avião para subidas repentinas, da mesma forma que também há referência para descidas abruptas. Tem-se aqui um único símbolo – avião - que ora remete à ascensão, ora à queda. De acordo com Gilbert Durand (2002) os símbolos que remetem a subidas, elevações, verticalizações, são símbolos denominados ascensionais e aqueles que remetem a abismos, descidas, quedas, são os símbolos catamórficos. Essa verticalização tem relação com a própria verticalização do homem, com sua postura ereta, com algo que mostra estabilidade. Durand (2002, p. 145) dirá que “[...] os símbolos ascensionais aparecem-nos marcados pela preocupação da reconquista de uma potência perdida, de um tônus degradado pela queda”. Já os símbolos catamórficos estão ligados à angústia humana diante da temporalidade, principalmente quando os sonhos estão permeados por imagens dinâmicas de queda.

Importante é perceber que, embora não existam imagens icônicas nos sonhos de A.P.S., há, porém, imagens mentais, construídas a partir de representações advindas de outros órgãos do sentido. Comprovamos tal afirmativa através de seu próprio discurso, ao dizer: “*Eu só conseguia, não enxergar, mas ter uma certeza, uma precisão dos movimentos do avião. [...]Ele colocou o bico pra cima e subiu e ia pra direita e pra esquerda (...) e aquele tremor, aquela sensação de trepidação. [...] A gente virava mesmo e ficava, a gente tentava colocar o pé pro outro lado, ou seja, agora a gente “tava” com o pé na cabeça do outro.*” Na primeira sentença é observado que A.P.S. é ciente da inexistência, para ele, de imagens

icônicas. Entretanto, nas segunda e terceira afirmativas, ele demonstra que por meio de outros órgãos do sentido (sensação corporal e tátil) é possível compor o sonho com infinidade de detalhes. Comprovamos, então, que através dessas sensações produzidas no sonho de A.P.S. foi possível identificar símbolos ascensionais e catamórficos.

Também em relação a essa dualidade – ascensão/queda - presentes em sonhos, Jung (2008, p. 49) comenta:

[...] pessoas com ideias pouco realísticas, ou que têm um alto conceito de si mesmas, ou ainda que constroem planos grandiosos em desacordo com a sua verdadeira capacidade, sonham que voam ou que caem. O sonho compensa as deficiências de suas personalidades e, ao mesmo tempo, previne-as dos perigos dos seus rumos atuais.

Inicialmente, com base em tais teorias e relatos do sujeito, pode-se aferir que a ascensão simboliza a busca compensatória de superação dos limites impostos pela cegueira, ao passo que a queda simboliza a existência desses limites. Utilizando-se de pressupostos básicos da logoterapia, a dualidade ascensão/queda remete à expressão da resistência do espírito frente aos limites da condição prisioneira do determinismo biopsíquico (a cegueira), o que, já dito anteriormente, Viktor Frankl chama de antagonismo psiconoético (Frankl, 1978; Marinho, 1999).

Neste processo antagonístico, a ascensão pode também representar o processo de autotranscendência proposto por Frankl, em detrimento do fechamento psíquico motivado pela busca do prazer (proposta psicanalítica), pela busca do poder (proposta da psicologia individual de Adler), da busca da individuação (proposta da psicologia analítica de Jung) ou da busca da auto-realização (proposta da psicologia humanista de Maslow, Rogers e outros). Segundo Frankl (1978, p. 35): “somente a existência que transcende a si mesma, somente a vida humana que ultrapassa seus limites na direção do mundo é capaz de se realizar. Do contrário, ao visar diretamente a auto-realização, fracassa.”

Através dos episódios oníricos subsequentes, 2 e 3 abaixo transcritos, observaremos que a questão da ascensão assim como da queda são temas recorrentes nos sonhos de A.P.S., conforme veremos:

EO 2 – Sonho do Giro Sentado

Pronto eu tenho também outros sonhos que eu aqui numa sala que tem aqui só de apoio, um laboratoriazinho, aí eu sento, os meninos lá tudo no computador brincando, o professor elaborando alguma coisa lá e tal ou agilizando algum documento de benefícios pra a gente em relação ao time né? Questão de inscrever a equipe no campeonato ou passar alguma declaração aí eu sento e começo a rodar com as mãos no chão só apoiado nas nádegas né? Aí daqui a pouco não pára mais, eu quero parar e não pára mais. Paaaara professor aqui, que eu não consigo parar mais não e cadê e nem o professor com medo de chegar perto pra não se machucar.

EO 3 – Sonho do Giro em Pé

[...] e em pé também, muitas vezes isso acontece, eu vou dar uma rodadinha pra, como a gente faz assim em certos movimentos assim meditando e tal aí de repente..., eu passo e não para mais, brincando às vezes também aí não para mais aí assim se joga no chão, aí pronto, se jogando no chão para, quando eu tô rodando em pé, aí me joga no chão e para, mas só é eu me levantar e começa de novo. Aí eu num sei o que quer dizer isso não.

Observamos então que em ambos os episódios, o giro em torno de si mesmo, seja sentado ou em pé, expressa, dentro do paradigma da logoterapia, o fechamento em torno do próprio indivíduo, bem como o descontrole do sonhador remete à sua tensão angustiante em direção à autonomia biopsiconoética. No caso da queda iminente ao giro, e deste em seguida à queda, evidencia a presença do mito do eterno retorno. Metonimicamente, o “jogar-se ao chão”, ação que paralisa o movimento determinista, representa o que antes se havia inferido no EO anterior: a autotranscendência do sonhador frente a si mesmo e à situação determinista de sua condição de pessoa cega.

Ainda dentro dos temas da queda e ascensão, A.P.S. comenta a respeito da sensação de voar: “*Eu gosto de voar, agora só fico com medo de cair né? Eu fico com medo de cair, mas eu acho muito bom, voar é bom demais assim no vento, sem ninguém pegar e quando as pessoas vêm assim pro meu lado, que querem fazer o mal aí eu voo e pronto eu rio deles.*” Isto confirma a presença da dimensão noética frente ao determinismo biopsíquico, assim como a procura

por segurança gerada pelo medo de uma exposição constante ao perigo iminente. O tema do voo retorna nos episódios 4 e 5.

EO 4 – Sonho da Pipa

[...] outra vez eu sonhei assim, eu ia empinar pipa aí a pipa subia comigo e com tudo aí eu fiquei com medo aí eu fazia assim, antes de eu descobrir né? Eu soltei a pipa, sabe? Aí eu caí no chão em pé, eu tava mais ou menos na altura de uma casa aí eu caí em pé aí a pipa foi e voltou, aí digo oxente! Aí quando ela voltou aí eu digo: eu num vou pegar de novo aí peguei e ela subiu comigo aí eu digo rapaz, oxe como é que pode... aí eu soltei de novo...

Este exercício de autonomia costuma dar a sensação agradável ao sujeito cego que sonha. O “ficar em pé” aproxima este EO do sonho do giro. Se neste o giro traz angústia porque representa a falta de controle do sujeito, a subida com a pipa, semelhante ao voo, dá a sensação de liberdade, conforme também podemos observar no mesmo EO e no EO posterior:

EO 5 – Sonho dos Dentes

[...] Eu sonhei que eu subia na parede assim, as portas mais ou menos estreitas né, pertinho uma da outra, aí eu me apoiava, ia subindo a mão, ia subindo o pé, como se fosse uma escalada, aí depois eu apertava os dentes, soltava da parede e tava voando.

[...] de vez em quando meu irmão também tinha uma coisa de sonhar voando, aí ele apertava os dentes aí voava, quando ele posicionava os dentes de cima pra frente, ele ia pra frente, aí quando igualava assim os dentes que apertava aí subia, aí quando queria ir pra direita, apertava pra direita, quando queria vir pra esquerda, assim... quando era pra trás aí os dentes de cima ficavam atrás dos de baixo.

O voo também assume mais uma vez o lugar da autotranscendência, uma vez que o ato de voar traz liberdade e autonomia ao sujeito cego, fazendo-o abrir-se ao mundo. Frankl (1978) usa a metáfora do olho para demonstrar que da mesma forma que este órgão, a pessoa só encontra o sentido quando se abre ao mundo, e quando isto não acontece é porque se está doente, tal como o sintoma da catarata. Contrapondo-se a esta suposta escuridão é que o sujeito cego expressa, comumente, esta atitude antagonica de voar, ou seja, autotranscender.

Trata-se de episódios que representam a busca de autonomia e controle de si mesmo, pois o cego comumente vive em extrema insegurança, com medo de assalto, cheio de incertezas espaciais etc. Controlar pipa com as mãos, controlar o voo com os dentes, tinha apenas o objetivo de alcançar a autonomia, através da capacidade de ascender, digase, autotranscender.

Retornemos ao símbolo presente no EO 1: a **nuvem**. Ela insere-se na categoria dos símbolos nictomórficos que correspondem às trevas, à escuridão (Durand, 2002). A.P.S. relata que embora não tenha exatidão visual do que é escuro ou claro, associa nuvens ao tempo nublado e à escuridão.

Vejamos parte do diálogo socrático em relação ao EO 1 de A.P.S.: *Eu sabia que ele (o avião) ficava assim, tentando se livrar das nuvens, mas “tava” muito turbulento mesmo, “tava” muito nublado mesmo. Ao ser questionado sobre sua noção de escuridão o mesmo relata: Essa história de escuro é assim, o seguinte: meu subconsciente, ele diz pra mim o seguinte: (...) se tá escuro na hora lá, é questão de nublado. [...] essa noção de escuro é quando alguém diz pra mim, apagou-se a luz, tá tudo escuro. Aí eu associo logo com nublado. Só que eu sei que não tá nublado, porque não houve nada assim, mudança de temperatura ou assim, caiu alguma chuva [...] Eu que já associei, quando o pessoal diz: tá nublado, eu digo: pronto tá escuro.*

De acordo com os relatos acima transcritos, confirma-se a relação associativa entre nuvem, tempo nublado e escuridão; constituindo um isomorfismo imagético proveniente dessa constelação de imagens (Durand, 2002). Mesmo neste caso, não composto por imagens icônicas, essa constelação se estabelece por intermédio das sensações oriundas das experiências cotidianas do sujeito. O símbolo que remete às trevas está ligado também à queda, o que é demonstrado no EO em questão: *Eu sabia que ele ficava tentando se livrar das nuvens, mas “tava” muito turbulento mesmo, “tava” muito nublado mesmo. Às vezes, dava até uma sensação de que a gente ia cair.*

Tais sensações, de quedas e trevas, são acompanhadas pelo sentimento de angústia, comprovada por suas próprias palavras, ao sentir-se aliviado pela experiência ter sido apenas um sonho: *(...) e espero não passar, porque é angustiante.* Pode-se supor que essa angústia advenha da incerteza do que vai ou pode acontecer, da inexatidão das formas

(disposições dos assentos no voo) e/ou da única certeza aterradora vivida por A.P.S., a definição temporal: *tava tudo escuro*. Em sua observação, ele afirma que a escuridão envolvia a todos, tanto as pessoas que eram videntes quanto as pessoas que não o eram, os cegos. Segundo Medard Boss (1988), a angústia faz parte da vida do ser humano e em sua essência há o temor pela própria possibilidade de um dia não estar mais aqui, de não mais fazer parte de sua própria história, do *não-poder-mais-ser*. Assim, A.P.S. vivia o terror, mas também o motor da existência humana: a angústia, interposta, por isotopismo (posta no lugar), no espaço simbólico da nuvem, da escuridão, do tempo nublado, da queda e da morte.

De acordo com a hermenêutica da logoterapia e da psicologia analítica de Jung, não se pode interpretar, genericamente, um sonho, visto que ele terá significações próprias para cada sonhador. Sendo assim, a associação acima descrita (nuvem = tempo nublado = escuridão), não sendo construída por teoria alguma, foi primeiramente elaborada por A.P.S.

Dando ênfase aos valores de atitude, propostos pela logoterapia, entende-se que as atitudes tomadas pelas personagens seriam de grande importância para se compreender a estrutura psíquica de A.P.S., expressas neste e em outros sonhos, o que se pode constatar no relato sobre as atitudes dos tripulantes do referido avião posto no sonho: *“dava até uma sensação como se tivessem dormindo ou então muito impressionadas, nervosas ou desmaiadas com o episódio*. No entanto, ao conversar com o piloto e co-piloto, profissionais de comando do avião, o sonhador tem a liberdade e a responsabilidade para escolher qual atitude tomar diante do destino imutável apresentado no sonho, optando por uma conduta diferente dos demais.

Inferre-se aqui, através do processo de associação por contiguidade (Rossi, 1972), que piloto e co-piloto remetem à consciência do sonhador, conforme vemos no relato: *“A gente conversava com o piloto, com o co-piloto e ele dizia pra a gente não ter medo, manter a tranquilidade, que isso ali era normal, mas só que eu tinha consciência de que outras viagens que eu tinha feito, que num era daquela forma. E eu ficava bastante preocupado, só que eu também pedia pras pessoas terem tranquilidade. Manter a calma que tudo ia se resolver. [...] eu: – Não! Vou me segurar por aqui “pra mim” ver no que é que*

vai dar.” Percebe-se nesta estrutura frasal, que os vocábulos “piloto”, “co-piloto” e “consciência” aparecem interligados à ação de pedir tranquilidade à tripulação. Neste sentido, Ernest Rossi (1972) esclarece que uma “nova imagem” que aparece num sonho tem muito a ver com imagens, sentimentos ou vozes contíguas a essa “nova imagem” (processo metonímico). Sobre este aspecto, infere-se que a consciência, elemento de comando da estrutura inconsciente segundo Frankl, representada pelo piloto e co-piloto, é a voz que orienta o sonhador para transcender à situação de perigo dentro do avião.

Sobre esta ação responsável dentro ou fora do próprio sonho, Xausa (2003, p. 105) afirma: “[...] a pessoa será sempre responsável por sua própria conduta, ainda que sua liberdade pessoal esteja fortemente limitada, pois exigirá de si mesmo uma resposta a um chamado dentro de uma determinada situação de vida”.

A atitude de A.P.S. expressa, entre outras conclusões, que o mesmo “deu ouvidos” à voz da sua consciência, utilizando a sua liberdade de escolha, mostrando-se como sujeito ativo perante o seu destino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos propostos na pesquisa, e aqui apresentados através de 02 estudos de caso, foram atingidos. A partir dos relatos dos sujeitos investigados, foram identificados símbolos, sentimentos e atitudes do sonhador dentro da diegese onírica. Comumente os estudos de caso privilegiaram as falas dos próprios sujeitos, inferindo, em algumas poucas vezes, sobre evidências linguísticas ou discursivas, demarcadas pelos processos de contiguidade ou relação isotópica, recorrente em episódios analisados de um mesmo sonhador, mesmo que estes não tenham consciência destas inferências.

Em relação à simbologia, comprovou-se a existência de símbolos concernentes à vida cotidiana e imaginária dos sonhadores, tais como: nuvens, avião, água, bicicleta e pipa (representando o jogo). No que diz respeito aos sentimentos, constatou-se que a angústia, manifestação primária da condição humana, acompanha-os até mesmo em seus processos oníricos. Também a tranquilidade e a culpa aparecem como sobressaltos da consciência

frente às suas dificuldades. No que tange às atitudes, estas também podem ser livremente realizadas durante os sonhos, o que confirma a liberdade de escolha e responsabilidade perante o destino dos sonhadores.

Além das comprovações dos objetivos propostos, concluiu-se que há imagens mentais nas

produções oníricas dos sujeitos cegos, não estando o processo onírico limitado às imagens icônicas. Por não terem o conhecimento deste fato, a maioria das pessoas não dá crédito aos relatos dos sonhos dos sujeitos cegos, e estes, por sentirem-se desvalorizados, guardam as suas narrativas para si mesmos.

Referências

- Aquino, T. A. A. (2001). *Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl*. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB.
- Boss, M. (1988). *Angústia, culpa e libertação*. São Paulo: Livraria duas cidades.
- Durand, G. (2002). *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes.
- Fabry, J. (1990). *Aplicações Práticas da Logoterapia*. São Paulo: ECE.
- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Frankl, V. E. (1991). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Trad. Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 2ª ed. São Leopoldo, Ed. Sinodal; Petrópolis, Ed. Vozes.
- Frankl, V. E. (1992) *A psicoterapia na prática*. Trad. Cláudia M. Caon. São Paulo: Papyrus.
- Frankl, V. E. (2003). *A Presença Ignorada de Deus*. 7ª ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Vozes.
- Freud, S. (1905). *A Interpretação dos Sonhos*. São Paulo: Círculo do Livro.
- Jung, C. G. (2008). *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Lukas, E. (1989). *Logoterapia: A força desafiadora do espírito*. Santos-SP: Loyola.
- Lukas, E. (1992). *Prevenção Psicológica*. Petrópolis: Vozes.
- Marinho, H. R. (1999). *A Personalidade na Antropologia Frankliana*. Campina Grande: Curso promovido pelo Núcleo Viktor Frankl de Logoterapia.
- Novaes, A. (2001). *Sonhos: Mensagens da Alma*. 2 ed. Salvador: Fundação Lar Harmonia.
- Novaes, L. (2003). *O lugar do narrativo no discurso visual*. Programa de Pós-graduação em Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://wwwusers.rdc.puc-rio.br/imago/site/narrativa/producao/luiza.htm>>. Acesso em: 23 de agosto de 2010.
- Rossi, E. L. (1972). *Os sonhos e o desenvolvimento da personalidade*. São Paulo: Summus Editorial.
- Santos, G. M. (2001). *Análise dos Sonhos: Uma Investigação Histórica – Do Onírico ao Logos*. Conferência Apresentada no Encontro Comemorativo do Nascimento de Viktor E. Frankl. João Pessoa.
- Santos, G. M. (2009). *Escrituras nômades do cangaço: o folheto de cordel como signo motivador do cinema das décadas de 1950 e 1960*. Tese de Doutorado, UFPB, João Pessoa.
- Xausa, I. A. M. (1993). *Análise Logoterapêutica dos Sonhos*. Porto Alegre.
- Xausa, I. A. M. (2003). *O sentido dos sonhos na psicoterapia em Viktor Frankl*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Yin, R. K. (2003). *Estudo de caso – planejamento e métodos*. São Paulo: Bookman.

Recebido em: 20/11/2012

Aceito em: 15/02/2013

Sobre os autores

Gilvan de Melo Santos. Doutorado em Linguística (UEPB), com estágio na Université Paris Ouest Nanterre La Défense; Mestrado em Educação (UEPB); Bacharelado em Arte e Mídia (UFCEG), Graduação em Psicologia (UEPB), formação em Logoterapia, Professor, supervisor e líder do grupo de pesquisa em saúde mental Déjà Vu: Artes, Sonhos e Imagens (UEPB); Coordenador do Núcleo Viktor Frankl de Logoterapia; Presidente Adjunto do CEPESI (Centro Paraibano de Estudos do Imaginário). **E-mail:** gilvanmusic@gmail.com

Inácia Hosana Feitosa. Graduada em licenciatura em letras e Psicologia pela UEPB; especialista em linguística. E-mail: inaciafeitosa@gmail.com

Mayara Cristina de Araújo Dantas. Graduação em Psicologia pela UEPB. E-mail: mayaradantas_ac@hotmail.com

Najara Mirella Cordeiro do Nascimento. Graduação em Psicologia pela UEPB. E-mail: najara.mirella@gmail.com